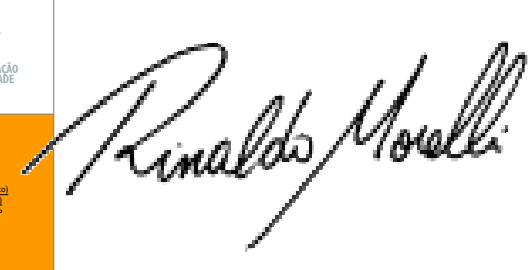


FAZER ARTE
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE ARTISTAS DA CIDADE

Alteiba Muniz (texto)
José Varela (fotos)
Do apoio do Correio



As ruas da cidade transbordam de formas e movimentos. São cenas corriqueiras e pouco expressivas nos olhos dos seus sujeitos, mas nada escapa à percepção do fotógrafo. Rinaldo Morelli tem o olhar afiado. Para diante do objeto e diz: "Atual tem uma foto." Pode ser a fachada do Teatro Nacional, a escada de um prédio público, a sombra do poste na parede. Tira da bolsa a máquina Nikon F3 e procura ângulos diferentes. Clica várias vezes.

Pessoas passam diante da câmera sem se importar com o observador. Deixam traços na imagem: pernas, sapatos de salto alto, corpos sem cabeça. Nas fotografias de Rinaldo, gente nunca é protagonista. A figura humana aparece bordada, decomposta, no canto. Funciona como mais uma escala, contraponto às linhas arquitetônicas. Daí a assistência da expressão facial. "Não tenho o menor interesse em fotografar o ser humano. Não me encanta", afirma.

O desafio é captar, em plano aberto, imagens abstratas. Elas devem deixar o espectador surpreso. Se alguém pergunta "o que é isso?", o objetivo foi atingido. São assim as fotos da coletiva a ser inaugurada hoje, às 17h, no espaço Cozinha das Almas (Lago Norte), junto com o grupo Ladrões de Alma. O abstracionismo aparece tanto em fotografias coloridas quanto em preto-e-branco. O uso de cores, no entanto, está fora dos trabalhos da outra vertente do artista, o grafismo. Essas imagens são sempre em preto-e-branco e expressam jogos de luz e sombra. Nasceram, principalmente, da arquitetura.

Para Morelli, a cor é uma espécie de maquiagem das formas. "Não é a cor o que quero mostrar, mas meu enquadramento da realidade", explica. Assim como o pintor cria no espaço limitado da tela, o fotógrafo também trabalha com as limitações do suporte. E o retângulo do fotograma e, consequentemente, do visor, justificam-se por isso ampla fonte com imagem. Para mudar de suporte é preciso mudar de equipamento. Foi o que fez ao adquirir a máquina Hasselblad, de formato quadrado e o quadrado de mais dinâmico, a diagonal no quadrado é muito mais forte do que no retângulo. Com a máquina, o artista não se preocupa com a dimensão da obra, mas com a natureza do suporte. Cada um desses aspectos requer material específico. Com a Nikon F3, usa filmes Hillford HFS, Asa 400. Isso significa que há maior disponibilidade na captação de luz do que os filmes Asa 100, popular em não domésticos. Com a Hasselblad, porém, Morelli trabalha com o T Max, Asa 100. A escala de tons é menor e o fotógrafo busca maior definição. Não quer que um tom de cinza passe para outro. De cada filme são aproveitadas três fotos, em média. Isso porque repete várias vezes o mesmo ângulo. "O grande lance é surpreender o espectador", diz. E clica. Os filmes coloridos são revelados em laboratório da cidade. Os su-

tos, não. O processo é artesanal e ele mesmo faz as simplificações. Transforma o banheiro do apartamento de dois quartos no bloco A da 410 Norte em laboratório. Uma tábua é posta de frente para o espelho, sobre a pia. A luz vermelha — única possível para não queimar filmes — foi adaptada próxima à lâmpada amarela do lugar. Bacias, produtos químicos, água corrente e pinça compõem o espaço para detulho apropriado à tarefa. As formas começam a aparecer em questão de segundos. Fora de uso, o ampliador fica guardado num pequeno espaço transformado em quarto de trabalho. Na parede há cartaz da exposição *Escadas: um Fragmento do tempo e do espaço*, individual apresentada na Galeria da Casa da América Latina (CAL). Um arquivo de várias pequenas gavetas guardam fotografias. Parecem organizadas. Pelo menos o artista encontra com facilidade várias delas para exemplificar o tema da conversa. Uma, porém, não foi possível. Só mesmo com calma. Na bancada ao lado do arquivo estão algumas fotos e pacotes com negativos. Há um anteparado que separa o fotógrafo aos 12 anos, pouco conhecido. Está ali porque pretende restaurá-lo.

No lado oposto, o computador denuncia a pesquisa dos últimos dois anos e meio: arte e tecnologia, no mestrado de artes visuais da Universidade de Brasília (UnB). Ele acaba de concluir a versão final da dissertação que será defendida em dezembro. O tema? Fotografia. Experiências com imagens manipuladas por computador fazem parte da história do fotógrafo, mas não o seduzem tanto. "O barato é fazer imagens na rua que parecem manipuladas sem ter sido", afirma, sobre o abstracionismo dos trabalhos. Uma série delas foi feita utilizando prisma para decompor a luz sob direções manuais de glóbo de luz a plástico. Há uma imagem assim na parede da sala.

Da janela vê-se parte da bucólica paisagem brasileira. Rinaldo observa o tempo chuvoso. Ele, e acalma de novo, referido ao clima. Escutei-o trabalhar com luz natural. De preferência, se houver sol. Mesmo discreto, é o que garante o jogo de luz e sombras nas fotografias em preto-e-branco. Nada de ambientes fechados ou flashes. Morelli costuma trabalhar a tarde, entre quatro e seis horas. "A luz é mais bonita", justifica. Nunca pela manhã, à noite ou que o objetivo seja justamente captar o nascer do sol,

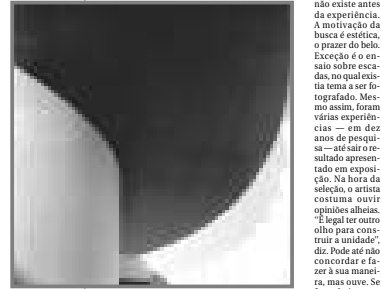
Ao contrário dos artistas plásticos, o fotógrafo trabalha na rua para transformar o real em imagens abstratas e grafismos

Coisa rara para quem trabalha grafismos e imagens abstratas. Poucas vezes sai de casa com a prerrogativa "você fotografa". Simplesmente fotografa. Anda com a máquina na bolsa e, quando não está com equipamento, volta para aprender o objeto indicado pelo olho. Mas não costuma voltar. As vezes, esbarra na burocracia. Precisa de autorização para captar ângulo inusitado da escada, por exemplo. E lá vai papel. Bom! Não mexe a cabeça, rouba também coisas mais, digamos, materiais. Até o segurança chegar para proibir os cliques, alguns fotogramas passam e, uma vez apreendidos na caixa postal, pertencem ao artista. Quando viaja, carrega uma máquina simples, automática, e fotografa tudo na rua. A intenção é captar instantes — as figuras humanas aparecem com mais frequência.

Aos poucos, imagens formam discurso linear. O significado não existe antes da experiência. A motivação da busca é estética, e o prazer do belo. Exceção é o ensaio sobre as escadas, no qual existia uma referência, o grafotográfico. Mesmo assim, foram várias experiências — em dez anos de pesquisa — até sair o resultado apresentado em exposição. Na hora da seleção, o artista costuma ouvir opiniões alheias. "É legal ter outro olho para construir a unidade", diz. Pode até não concordar e fazer à sua maneira, masouve. Se for coletiva com o Ladrões de Alma, a edição é feita em grupo. Os oito fotógrafos opinam.

Morelli não é muito de falar à vontade, sem qualquer pergunta prévia, contando histórias e mais histórias de sua vida. É reservado. Prefere falar por imagens. E se a conversa desamba para comentários sobre trabalhos de outros fotógrafos, o artista de cabelos compridos e enarcalçados, olhos claros, sobre o quarto para buscar livros. As referências passam longe de Cartier-Bresson e Sebastião Salgado. Os fotógrafos de gente. Ele traz, um por vez, três volumes com imagens do rio Tietê: José Otávia Filho, Geraldo de Barros, e Roberto Mascaro. Todos brasileiros.

O primeiro planta a borda com as fotos; risca negativos, desenha sobre a imagem, recorta. Morelli se emprega com os trabalhos em preto-e-branco. Normalmente, quando esto com a máquina, o olho está mais atento. O processo é mais intuitivo. Nunca faço apenas uma foto, faço várias versões: tiro na lente, mudo de ângulo. Sei que ali vai ter alguma coisa que me interessa."



O TRABALHO ACHO FAZ PARTE DOS GRUPOS EXIBIDOS PELO FOTÓGRAFO. UMA DAS DAS YERTITES DA PESQUISA. A IDEIA É PARTIR DE ARQUITETURA PARA CAPTAR JOGOS DE LUZ E SOMBRA, SEM IDENTIFICAR O LOCAL DO OBJETO FOTOGRAFADO. O FORMATO QUADRADO É ORTIDO PELO USO DA MÁQUINA HASSELBLAD. EQUIPAMENTO QUE ELE UTILIZA SOMENTE COM LENTE NORMAL. DE SUPR. MORELLI ACREDITA QUE LIMIAR COMO A DIAGONAL, POR EXEMPLO, TEM MAIS IMPACTO EM IMAGENS QUADRADAS. PARA COMPOR IMAGENS GRÁFICAS, TRABALHA COM FILMES PRETO-E-BRANCO. NA INTENÇÃO DE REALIAR AS FORMAS DO OBJETO. "A COR FUNCIONA COMO MAQUIAGEM", AFIRMA ELE.

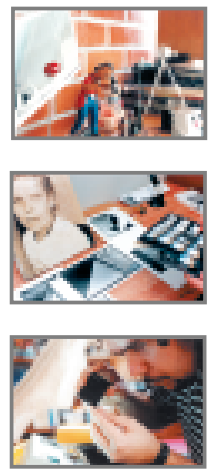
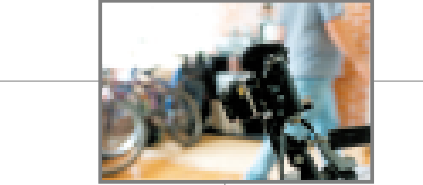


COMO NASCE A OBRA

"Tudo parte do olhar. O tema não nasce de uma hora para outra. Vamos partir do princípio de que eu trabalhe um conjunto de imagens. Tudo passa pela retina, uma coisa estética. A escolha não é pelo que o objeto fotografado significa, mas pelo que ele expressa, pela beleza da vontade ou do olho difícil ou me intriga. Não tenho projeto fechado. Dificilmente eu saio para fotografar, isso acontece poucas vezes. Geralmente eu vejo e faço. Existem duas possibilidades: estar com a máquina e fazer o que aparece. A outra é não estar em uma máquina, vez e voltar para fazer depois. A segunda é mais difícil. Normalmente, quando esto com a máquina, o olho está mais atento. O processo é mais intuitivo. Nunca faço apenas uma foto, faço várias versões: tiro na lente, mudo de ângulo. Sei que ali vai ter alguma coisa que me interessa."

BIOGRAFIA

Ao ganhar a primeira máquina fotográfica aos dez anos, Rinaldo Morelli começou a procurar "ângulos diferentes". Não tinha ainda uma percepção e sim especulações sobre a realidade. Mas apontava o caminho que mais tarde seria objeto da arte. O fotógrafo nasceu em São Paulo, em 1966. Aos 12 anos mudou-se para Fortaleza, onde morou até os 18. Veio para Brasília nessa época, para estudar na Universidade de Brasília (UnB). Pretendia trabalhar com fotografia e decidiu cursar artes plásticas. Sempre que podia, apresentava fotos em vez de pinturas ou objetos como trabalhos das disciplinas acadêmicas. A primeira exposição individual foi realizada em 1988. Abstratas, com fotos de arquitetura, algumas com conteúdo montado. "Era bastante fragmentado, tinha um pouco de tudo", afirma Morelli. A exposição foi exibida em dois espaços diferentes: Cultura Inglesa e Biblioteca Central da UnB. Nesse mesmo ano fundou, com outros fotógrafos, o grupo Ladrões de Alma. A ideia era aplicar a fotografia sem pensar em exposição ou formalismo, como chefe da técnica em Brasília. O primeiro trabalho conjunto foi uma coleção de postais. Depois vieram várias coletivas e outras duas séries de postais. Hoje o grupo conta com oito membros e se reúne uma vez por semana. Pretende publicar livro. Morelli participou de mais de 30 coletivas, com e sem o grupo. No ano passado, realizou a primeira individual, segundo trabalho. Escadas: um Fragmento do tempo e do espaço resultou de dez anos debruçado sobre o tema "escada". De 1989 a 1999, o fotógrafo expôs imagens em quatro cidades: Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Natal. A exposição foi exibida na Galeria da Casa da Cultura da América Latina (CAL), no Sena Comercio e Arte, no São Paulo, em São Paulo, e no primeiro ensaio. Os últimos dois anos e meio foram dedicados ao mestrado em artes visuais, sob o tema Fotografia e novas tecnologias. Morelli fez o currículo do curso de graduação em Artes Visuais, em Poços de Caldas (MG). Também trabalhou como professor de Fotografia e participou do curso de Comunicação Social da UnB. Atualmente trabalha na Câmara Legislativa do Distrito Federal, seis horas por dia. Faz fotografia-livre. O resto do tempo é dedicado à arte.



AO SELECIONAR IMAGENS PARA EXPOR, MORELLI COSTUMA OUVIR A OPINIÃO DE OUTRAS PESSOAS, EMBORA A DECISÃO FINAL SEJA SEMPRE DELE. — A NÃO SER QUANDO TRABALHA COM O GRUPO LADROES DE ALMA. UTILIZA PARA EDITAR AS FOTOGRAFIAS, A BANCADA DO QUARTO DE TRABALHO ONDE EXIBE UMA COLEÇÃO DE MINIATURAS DE MÁQUINAS FOTOGRAFICAS. AQUI, NA AQUILO, AQUISIÇÃO DE PEÇAS DE ARTEFATO NO NORDESTE

